

Interprofissionalidade na formação acadêmica: perspectivas docentes nos cursos da área da Saúde

Interprofessionalism in academic training: faculty perspectives in Health-related programs

Paula Margoto¹, Heletícia Scabelo Galavote¹, Larissa Resse¹, Luna Oliveira Souza¹,
João Paulo Cola²

RESUMO

Introdução: A interprofissionalidade em saúde e a prática da Educação Interprofissional (EIP) têm oferecido uma nova perspectiva para as práticas de reorientação da formação e do trabalho em saúde. **Objetivo:** Compreender o conhecimento dos docentes dos cursos de graduação em Ciências Biológicas, Enfermagem e Farmácia, de uma Universidade Federal do estado do Espírito Santo, sobre o tema da interprofissionalidade no contexto da formação em saúde. **Método:** Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva de natureza qualitativa. Participaram da pesquisa vinte e nove docentes, sendo oito do curso de Ciências Biológicas, doze do curso de Enfermagem e nove do curso de Farmácia, todos integrantes do Colegiado de Curso e do Núcleo Docente Estruturante. Os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo na modalidade de Análise Temática. **Resultados:** Os resultados indicaram que os docentes dos três cursos reconhecem a relevância da interprofissionalidade para a formação em saúde, mas apontam muitos desafios para a efetivação dessa abordagem, como a falta de capacitação sobre o tema, dificuldades no vínculo entre ensino e serviço, carga horária extensa e ausência de momentos que permitam a interação entre discentes de diferentes cursos. **Conclusão:** Na perspectiva dos docentes, os principais desafios para a prática interprofissional no contexto da formação em saúde decorrem da ausência de conhecimento sobre o tema durante suas formações educacionais e profissionais, sendo explorado apenas de forma empírica. Entretanto, reconhecem que a interprofissionalidade é um fator importante para o desenvolvimento profissional dos discentes.

Palavras-chave: Educação Interprofissional. Trabalho. Saúde.

ABSTRACT

Introduction: Interprofessionalism in health and the practice of Interprofessional Education (IPE) have provided a new perspective for reorienting training and work practices in health. **Objective:** To understand the knowledge of professors from the undergraduate courses in Biological Sciences, Nursing, and Pharmacy at a Federal University in the state of Espírito Santo regarding interprofessionalism in the context of health education. **Method:** This is an exploratory and descriptive qualitative research. Twenty-nine professors participated in the study: eight from the Biological Sciences course, twelve from the Nursing course, and nine from the Pharmacy course, all members of the Course Collegiate and the Structuring Teaching Nucleus. Data were analyzed through Content Analysis in the Thematic Analysis modality. **Results:** The findings indicated that professors from all three courses recognize the relevance of interprofessionalism for health education but report several challenges for implementing this approach, such as the lack of training on the subject, difficulties in the teaching-service bond, extensive workload, and the absence of opportunities for interaction between students from different courses. **Conclusion:** From the professors' perspectives, the main challenges for interprofessional practice in the context of health education stem from the lack of knowledge on the subject during their educational and professional training, which is mostly explored empirically. However, they acknowledge that interprofessionalism is a key factor in the professional development of students.

Keywords: Interprofessional Education. Work. Health.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo. São Mateus/ES, Brasil.

² Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória/ES, Brasil.

Correspondência

paulamargoto@gmail.com

Direitos autorais:

Copyright © 2024 Paula Margoto, Heletícia Scabelo Galavote, Larissa Resse, Luna Oliveira Souza, João Paulo Cola.

Licença:

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Submetido:

11/2/2024

Aprovado:

16/5/2024

ISSN:

2446-5410

INTRODUÇÃO

A Educação Interprofissional (EIP) é conceituada como o encontro de uma ou mais profissões e gera um processo de aprendizagem “com, para e sobre cada uma” das profissões, com a finalidade de melhorar a comunicação, a colaboração interprofissional e, como consequência, a qualidade do cuidado¹.

Uma das principais características da EIP é o trabalho em equipe, com intervenções e técnicas que são utilizadas através dos saberes da formação profissional de cada membro. Quando esses saberes são compartilhados, oferecem melhorias nas práticas de trabalho, por meio da interação, comunicação e trocas de conhecimentos entre os membros da equipe, resultando na ampliação do cuidado integral e fortalecendo a efetividade das ações planejadas e executadas para atender as diferentes necessidades da população². Para isso, é essencial não apenas a união de diferentes profissões, mas também o uso de metodologias que valorizem as práticas de cada profissional e que, quando introduzidas, consigam promover uma interação eficaz e uma interdependência nas diferentes práticas que envolvem a assistência no Sistema Único de Saúde (SUS)³.

A formação profissional em saúde no Brasil vem sendo marcada pela transição do modelo uniprofissional para a formação interprofissional, direcionada à atuação no atendimento das necessidades dos usuários do SUS. A prevalência do modelo uniprofissional na formação em saúde dificulta o trabalho em equipe e traz importantes implicações para a qualidade da assistência, a segurança do paciente e a organização dos sistemas de saúde⁴. Essas dificuldades são evidenciadas quando há a necessidade de compartilhar competências comuns entre os profissionais. Nesse contexto, a EIP ganha relevância na estruturação curricular dos cursos de formação em saúde.

Entre as ações desenvolvidas para incentivar e apoiar as mudanças na estrutura curricular dos cursos de graduação em saúde e na integração educação-trabalho, destaca-se o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde), lançado em 2005, como

uma das primeiras iniciativas nessa direção. Inicialmente, contemplava os cursos de medicina, enfermagem e odontologia, sendo ampliado em 2007 para os demais cursos de graduação da área⁵. Em 2018, foi lançada a edição do PET-Saúde Interprofissionalidade, destinada a fomentar grupos interprofissionais de aprendizagem tutorial pelo trabalho, com o objetivo de formar profissionais de saúde com perfil adequado às necessidades e políticas de saúde, através das experiências da EIP e do trabalho colaborativo⁶.

A EIP pode facilitar o processo de reorientação da formação e do trabalho em saúde, visando à superação de desafios na produção dos serviços de saúde⁷, uma vez que difere da educação profissional tradicional ao produzir conhecimento a partir de interações com outros profissionais e atitudes e habilidades colaborativas únicas⁸.

Contudo, para avançar no processo de reorientação da formação e do trabalho em saúde na perspectiva da EIP, espera-se que o docente em saúde compreenda a importância da EIP na formação dos futuros profissionais. É necessário entender as perspectivas e visões dos docentes dos cursos de saúde em relação à formação interprofissional, analisando como as peculiaridades de cada docente interferem em sua atuação formativa, o que impacta as estratégias educacionais. Essa avaliação permite compreender como o tema é abordado, considerando a busca por uma formação em saúde cada vez mais colaborativa. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi compreender o conhecimento dos docentes dos cursos de graduação em Ciências Biológicas, Enfermagem e Farmácia, de uma Universidade Federal no estado do Espírito Santo, sobre o tema da interprofissionalidade no contexto da formação em saúde.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva de natureza qualitativa. O estudo foi realizado no Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no município de São Mateus-ES. O CEUNES possui

mais de 3.500 alunos de graduação e pós-graduação e um quadro de 201 professores efetivos e 115 técnicos administrativos em educação⁹.

Essa pesquisa também surge da necessidade de refletir sobre a formação em saúde, a partir da implementação do Pet-Saúde Interprofissionalidade no CEUNES, com a participação de discentes e docentes dos cursos de graduação em Enfermagem, Farmácia e Ciências Biológicas.

Ao todo, participaram 29 docentes, que compõem o Colegiado de Curso e o Núcleo Docente Estruturante (NDE), escolhidos mediante sorteio. Foram 8 docentes do curso de graduação em Ciências Biológicas, 12 do curso de graduação em Enfermagem e 9 do curso de graduação em Farmácia.

Em virtude da pandemia da Covid-19, o recrutamento dos docentes para participação no estudo foi realizado por e-mail institucional. Foi enviado um convite para a participação na pesquisa, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após o aceite da participação, a coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista individual semiestruturada, por ligação telefônica, na qual o docente teve a liberdade de não responder às perguntas ou interromper a entrevista.

O roteiro de entrevista continha perguntas relacionadas à formação do docente, suas interpretações a respeito da interprofissionalidade, suas considerações em relação à formação dos discentes atuais aos quais lecionava e os desafios para a formação interprofissional.

As entrevistas foram realizadas individualmente por chamada telefônica em um horário escolhido pelo participante. As falas dos entrevistados durante a entrevista foram gravadas por meio de um gravador de chamadas para Android. Os docentes foram identificados pela sigla DE para os docentes de Enfermagem, DB para os docentes de Ciências Biológicas e DF para os docentes de Farmácia, todos acompanhados de um algarismo numérico para melhor organização.

As entrevistas foram transcritas e armazenadas pelo pesquisador em arquivo de extensão “.doc”, utilizando o *Microsoft Word* no computador.

Os dados foram avaliados por meio de análise de conteúdo na modalidade de análise temática. A

modalidade temática procura identificar “núcleos de sentido” na construção de uma comunicação, onde a presença e a frequência possuem significado para o objeto do estudo¹⁰. Por se tratar de uma análise temática, após a realização das entrevistas, emergiram os seguintes eixos temáticos: “O conceito de interprofissionalidade em saúde”, “O processo de ensino-aprendizagem nos cursos de Ciências Biológicas, Enfermagem e Farmácia” e “Os desafios enfrentados pelos docentes na abordagem da interprofissionalidade”.

O estudo foi conduzido conforme os princípios éticos contidos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do CEUNES, sendo aprovado pelos pareceres nº 4.689.114 para o curso de Enfermagem, 4.689.118 para o curso de Ciências Biológicas e 4.717.122 para o curso de Farmácia.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

O conceito de interprofissionalidade em saúde

Quando questionados sobre o conceito de interprofissionalidade em saúde, os entrevistados associaram o termo ao ato de trabalhar em conjunto, entre diferentes profissões, para o alcance de um objetivo comum:

[...] são profissionais de áreas diferentes que trabalham juntos (DF1).

É poder trabalhar com outras profissões, dentro do âmbito da tua equipe de trabalho (DF7).

Onde cada profissional diz como ele pode colaborar, dentro da sua área de conhecimento, pra alcançar aquele objetivo (DE3).

[...] diferentes profissionais atuando em conjunto pra atender determinados temas (DB5).

A maioria dos docentes destaca que o conhecimento que possuem sobre o tema foi adquirido durante sua prática profissional e/ou especializações após a graduação, o que lhes permitiu expandir horizontes. Isso ocorre porque grande parte dos currículos dos cursos de graduação em saúde no Brasil

ainda se encontra estruturada em disciplinas e de forma essencialmente uniprofissional¹¹.

A interprofissionalidade facilita o compartilhamento de práticas e saberes, gerando interdependência e articulação de conhecimentos específicos, o que proporciona novas formas de cuidado¹². Ela envolve a interação e comunicação entre os profissionais por meio de um trabalho coletivo, baseado na relação recíproca entre as intervenções técnicas e no reconhecimento da interdependência e complementaridade dos atos em saúde¹³.

Embora relatem não desenvolver a interprofissionalidade nos cursos em que lecionam, os docentes compreendem a importância dessa prática, conforme os relatos de DB5 e DE2:

[...] eu acho que é importante abordar na área da saúde, para o profissional sair de uma forma mais completa possível (DB5).

[...] os saberes de cada profissão juntos, em conjunto, pra melhorar a qualidade da atenção à saúde (DE2).

A abordagem da interprofissionalidade na prática diária dos docentes ainda é um dos desafios para sua consolidação na formação em saúde. Isso requer que o docente busque novos conceitos que não foram abordados durante sua própria graduação e que transcendem suas identidades uniprofissionais, para que possam orientar seus alunos a aprenderem uns com os outros^{14,4}. DB3 relaciona projetos de pesquisa e extensão como ferramentas para a implementação desse novo modelo de ensino:

Professores que trabalham em equipe em projetos de pesquisa de ensino e de extensão desenvolvem atividades colaborativas diversas. Basicamente, a grande parte dessa interação ocorre nos grupos de projetos de pesquisa de extensão, onde os alunos e os docentes trabalham em equipe (DB3).

O processo de ensino-aprendizagem nos cursos de Ciências Biológicas, Enfermagem e Farmácia

Os docentes não estão familiarizados com metodologias de ensino ativas além das tradicionais, o que limita o estímulo para que os alunos “[...] ouçam, vejam e pratiquem” aquilo que precisam saber e fazer,

tornando-os protagonistas em sala de aula, contrastando com o esperado protagonismo estudantil¹⁵.

Os cursos da área de saúde apresentam currículos hierarquizados, verticais, estruturados em disciplinas e centrados no professor¹⁶. Nota-se a preferência dos docentes dos três cursos por metodologias tradicionais:

[...] é muito do método tradicional do professor; ele explica em sala de aula e o aluno acompanha [...] (DF9).

Através da nossa transmissão de conhecimento ele vai sedimentar esse conhecimento através da sua própria capacidade de assimilação desse conteúdo, associado a isso com as leituras da bibliografia disponível (DB7).

O processo tradicional de muitas aulas expositivas [...] provas tradicionais; de tempo em tempo era aplicada uma prova escrita em que o aluno tinha que mostrar seu conhecimento (DB8).

[...] principalmente através de aulas expositivas, nas quais o docente apresenta o conteúdo e os estudantes são avaliados através de provas (DF4).

[...] pelo método tradicional, geralmente aulas expositivas, dialogadas, seminários, uso de casos clínicos, mas é mais o método tradicional mesmo, o professor falando, o aluno sentado ouvindo, discutindo, conversando (DE4).

Entende-se que o uso exclusivo dos métodos tradicionais de ensino não é suficiente para promover a aprendizagem significativa¹⁷. O modelo tradicional limita a interação em sala de aula, pois “a educação é centrada na transmissão de conhecimento pelo professor e o aluno é visto como um receptor passivo”¹⁸. A mudança para um modelo que promova a interação dos discentes, introduzindo novas metodologias, foi citada como um desafio por uma docente de Ciências Biológicas:

[...] a nossa maior dificuldade é que a gente vem de um método tradicional já antigo [...] é difícil aflorar esse interesse de alguns professores trabalharem essa questão e quebrar aquela barreira de mudar o formato (DB5).

Apesar de os três cursos não apresentarem disciplinas obrigatórias em seus Planos Pedagógicos Curriculares (PPC) que promovam a interação entre discentes de diferentes cursos, outras medidas

têm potencial para isso, como as disciplinas optativas e os projetos, conforme relatos:

[...] essa interação ocorre principalmente em projetos de extensão [...] (DE7);

[...] atualmente o que a gente sabe é o PET que... que faz isso [...] (DE8).

Disciplinas do curso de Farmácia, da grade de disciplinas obrigatórias, eu não vejo isso com muita clareza. Eu acredito que mais em disciplinas optativas e talvez em atividades de pesquisa, extensão e ensino [...] disciplinas na grade obrigatória, infelizmente, eu não consigo visualizar isso não (DF2).

[...] eu sei que tem o PET-Saúde; a única coisa que lembro que tenha essa interação dos alunos da Biologia com os cursos da área de saúde, nas atividades do PET. E eu não sei se tem alguma disciplina optativa dos cursos de saúde, principalmente da Farmácia, que os alunos da Biologia costumam cursar (DB3).

Na medida em que se altera a lógica tradicional de formar em saúde, os professores com formação pautada na especialização disciplinar são confrontados com os desejos e possibilidades de ensinar de forma mais participativa, interativa e criativa¹⁹. Dentro desse contexto, o processo de ensino-aprendizagem do curso de Farmácia, regido pelo PPC criado em 2002, está atualmente passando por modificações, com a proposição de ações que promovam práticas interprofissionais, conforme relatam DF3 e DF6:

[...] com o novo PPC, temos formado também disciplinas com partes voltadas para a extensão. Então, com certeza, todas essas disciplinas estarão direcionadas de alguma forma para a atuação em vários campos diferentes, dentro do curso de Farmácia (DF3).

[...] existe um percentual grande de atividades de extensão que serão colocadas dentro da matriz por conta da diretriz curricular. E muitas dessas atividades de extensão estão ligadas a estímulos de relações interprofissionais, saindo apenas do núcleo da Farmácia, o que nos permite permear outras profissões, outros cursos (DF6).

No entanto, é importante que existam disciplinas interprofissionais dentro do componente obrigatório dos cursos e não apenas vinculadas à extensão, desde os semestres iniciais, além do uso de metodologias ativas durante toda a graduação, que permitam o progresso do discente no desenvolvimento da

prática interprofissional²⁰. Portanto, a existência de projetos citados pelos docentes, como o Projeto de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), que abordam o tema da interprofissionalidade, tornam-se maneiras efetivas de inserção dos discentes nos diversos campos de prática em saúde, mas não são suficientes para a incorporação do tema nas grades curriculares dos cursos.

Os desafios enfrentados pelos docentes na abordagem da interprofissionalidade

Para que a abordagem da interprofissionalidade aconteça de forma efetiva, contínua e funcional, o conceito deve ser discutido durante todo o processo formativo, preparando os discentes para práticas de trabalho em equipe, fortalecendo as experiências colaborativas e criando redes de apoio ao trabalho conjunto⁷.

Nos cursos de saúde, é imprescindível romper com o ensino centrado apenas no conteúdo, tornando necessário um ensino que gere relações entre os próprios discentes, docentes e a comunidade, fortalecendo o vínculo entre a formação e o serviço a ser prestado²¹.

No entanto, quando questionados sobre como a abordagem do tema pode ocorrer dentro dos ambientes de formação, os docentes relataram desafios relacionados ao próprio desconhecimento sobre o conceito. A ausência de experiências com a interprofissionalidade durante sua formação impacta diretamente suas práticas de ensino uniprofissionais:

O primeiro desafio que vejo é não ter tido tanto a interprofissionalidade, o trabalho em equipe. É o primeiro grande desafio [...] não ter tido esse primeiro contato com outros profissionais. Eles sabem fazer o que aprenderam na graduação, aquela formação técnica, mas precisam aprender a lidar com a equipe e com profissionais de diferentes áreas (DF8).

Outro docente afirma: “[...] eu tenho dificuldade de entender o conceito. Eu não tenho base teórica. Acho que o principal problema é a falta de base teórica a respeito do tema” (DE2).

Esse é um desafio comumente encontrado, já que ensinar alunos a aprenderem uns com os ou-

tros é uma experiência nova e desafiadora⁷. Um dos desafios nos processos de formação na graduação das diferentes profissões da área da saúde está no distanciamento do processo de trabalho do SUS²². Os docentes, ao referirem a dificuldade da abordagem da interprofissionalidade na formação dos discentes, relataram de forma explícita as limitações de vínculo entre o ensino e a prática dos serviços de saúde, como destacado por eles:

[...] na área da saúde, nós, profissionais da Ciências Biológicas, principalmente os que trabalham mais com ecologia, não têm tanta informação (DB6).

Estamos distantes da realidade dos serviços de saúde. Eu tive uma experiência profissional, mas tem muito tempo. Hoje, estou distante da realidade profissional, então um dos desafios é essa distância entre a realidade e a academia (DF4).

[...] como não há uma integração estabelecida entre ensino e serviço, os alunos e os professores têm dificuldade em fazer com que os alunos consigam discutir abertamente com profissionais de outras áreas que não os enfermeiros (DE3).

Essa dificuldade de integração entre ensino e serviço prejudica o compartilhamento de práticas colaborativas, pois impossibilita ações que minimizem as barreiras enfrentadas na convivência entre profissionais com base na interprofissionalidade²³.

Dentro desse contexto, a Educação Interprofissional se configura como uma estratégia para estimular a formação de um novo profissionalismo, através da integração ensino-serviço-comunidade, da elaboração de novos currículos com maior incorporação de metodologias ativas, projetos de extensão, entre outras iniciativas, com tentativas de compartilhar experiências educacionais entre diferentes cursos da área da saúde^{24, 25}. Entretanto, quando questionados sobre a existência de disciplinas que permitem ao discente a interação com alunos de outros cursos, os docentes relataram que essa interação não ocorre: “Então essa interação, na minha opinião, acaba não acontecendo [...]” (DB1). Outros docentes afirmam:

Durante a graduação, dizem que há disciplinas conjuntas, mas não existe todo o envolvimento entre os profissionais [...] (DF8).

[...] no nosso curso não temos. Essa interação com outros cursos não acontece (DE11).

Faz-se necessário organizar espaços e disciplinas que permitam a convivência entre discentes de diferentes áreas de formação, para que, por meio da comunicação e interação, eles reconheçam a importância dos diferentes papéis profissionais na tomada de decisões assertivas, visando a um objetivo comum²⁶.

Os cursos apresentam algumas estratégias interprofissionais, como projetos de pesquisa, ensino e extensão, que promovem a interação entre discentes de diferentes cursos e com profissionais de diferentes áreas. São desenvolvidas iniciações científicas, orientações de trabalho de conclusão de curso, realização de estágios em diferentes ambientes e disciplinas optativas. No âmbito da extensão, estão presentes projetos que ampliam a atuação dos discentes além das salas de aula, envolvendo alunos de diferentes cursos.

Na perspectiva dos docentes, os principais desafios para a prática interprofissional estão associados à ausência de conhecimento sobre o tema durante suas formações educacionais e profissionais, sendo explorado apenas de forma empírica. Essa escassez gera falta de experiência em propor atividades que levem ao desenvolvimento de práticas colaborativas entre os discentes. No entanto, os docentes reconhecem que a interprofissionalidade é um fator importante para o desenvolvimento profissional dos discentes, capacitando-os com habilidades, conhecimentos e atitudes necessários para a melhoria da qualidade da atenção à saúde.

O estudo teve como principal limitação a disponibilidade dos docentes em participarem da pesquisa, o que exigiu a redução do tamanho da amostra inicialmente proposto. Além disso, devido à realização das entrevistas por chamadas telefônicas, é possível que algumas reações e expressões dos entrevistados tenham sido perdidas. Outra limitação foi a dificuldade dos docentes em relacionarem o tema da interprofissionalidade ao contexto de formação dos cursos nos quais atuam, evidenciada nas respostas sobre a abordagem do tema na formação dos discentes. Porém, essas limitações surgem prin-

principalmente da falta de conhecimento sobre a prática interprofissional e colaborativa.

CONCLUSÃO

Este estudo revelou que os docentes ainda não conseguem explorar satisfatoriamente a interprofissionalidade nos cursos de Ciências Biológicas, Enfermagem e Farmácia, visto que são poucas as oportunidades de experiências interprofissionais. Isso ocorre principalmente porque os PPCs dos cursos não apresentam disciplinas que abordem a temática. Além disso, a ausência de conhecimento sobre o tema durante suas formações educacionais e profissionais gera dificuldades para a implementação do tema dentro da realidade educacional em que estão inseridos.

Observa-se que a relação ensino-serviço também pode contribuir com fatores limitantes que afetam o desenvolvimento da interprofissionalidade. A comunicação entre discentes e profissionais dos serviços de saúde, por exemplo, deve ser valorizada e colocada em prática. Quando ausente, ela limita a organização do cuidado, interferindo na continuidade da assistência ao usuário do SUS.

Diante dos desafios apresentados pelos docentes, a pesquisa contribui para despertar a necessidade atual de formações mais frequentes para os docentes no que se refere à interprofissionalidade, bem como o uso de metodologias que promovam a interação entre discentes de diferentes áreas de formação. Futuras pesquisas podem avaliar o impacto da interprofissionalidade na formação dos discentes e futuros profissionais, além de propor práticas colaborativas que desenvolvam a prática interprofissional.

REFERÊNCIAS

1. Viana SBP, Hostins ECL. Educação interprofissional e integralidade dos cuidados: uma leitura filosófica contemporânea dos conceitos. *Educ Rev.* 2022;8:e26460. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-469826460>.
2. Barbosa MLC, et al. Os desafios na aplicabilidade da educação interprofissional no âmbito da atenção em saúde. *Res Soc Dev.* 2021;10(15):e348101522942. doi: <https://doi.org/10.33448/rsdv10i15.22942>.
3. Peduzzi M. O SUS é interprofissional. *Interface (Botucatu).* 2016;20(56):199-201. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0383>.
4. Hale JF, Thorndyke L, Milner RJ, Vitello-Ciccio J. Interprofessional reconstruction of a policy for academic advancement: The evolution and evaluation of scholarship for today, tomorrow, and beyond. *J Prof Nurs.* 2024;52(3):1-16. doi: <https://doi.org/10.1016/j.profnurs.2024.02.003>.
5. Portaria Interministerial MS/MEC 3.019, de 26 de novembro de 2007. Dispõe sobre o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde) para os cursos de graduação da área da saúde. *Diário Oficial da União*, 2007.
6. Edital nº 10, 23 de julho 2018 seleção para o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde PET-SAÚDE/INTERPROFSSIONALIDADE - 2018/2019. *Diário Oficial da União*, 2018.
7. Souza LRCV, Ávila MM. Potencialidades e desafios para a educação interprofissional no contexto da graduação em curso da saúde. *Res Soc Dev.* 2021;10(9):e4310917618. doi: <https://doi.org/10.33448/rsdv10i9.17618>.
8. Marti GF, et al. Colaboração da educação interprofissional no programa PET-Saúde para a formação dos estudantes. *Saúde Pesqui.* 2024;17(1):e-12113. doi: <https://doi.org/10.33448/rsdv12i10.43491>.
9. Ceunes/Ufes. O Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes). São Mateus. Portal Ufes, 2014 [citado 01 de Out de 2014]. Disponível em: <https://ceunes.ufes.br/historico>.
10. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 2014. 14ª ed.
11. Ely LI, Toassi RFC. Integração entre currículos na educação de profissionais da Saúde: a potência para educação interprofissional na graduação. *Interface (Botucatu).* 2018;22(Supl 2):1563-75. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0658>.
12. Pereira ME. Interprofissionalidade e saúde: conexões e fronteiras em transformação. *Interface (Botucatu).* 2018;22(Supl 2):1753-6. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-57622018.0469>.
13. Peduzzi M, Agreli HLF, Silva JAM, Souza HS. Trabalho em equipe: uma revisita ao conceito e a seus desdobramentos no trabalho interprofissional. *Trab Educ Saúde.* 2020;18(Supl 1):e0024678. doi: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00246>.
14. Meittinen A, Kekoni T, Saari H, Mantyselka P. Attitudes and development needs connected to interprofessional identity for-

- mation. *Int J Res Educ Sci.* 2024;10(1):179-98. doi: <https://doi.org/10.46328/ijres.3342>.
15. Sousa RP, Farias MCAD, Sucupira KSMA, Feitosa BMI. Adesão de docentes às metodologias ativas como ferramenta de ensino-aprendizagem no ensino superior. *Rev Perspect Interdisciplinar.* 2019;4:e-4002. doi: <https://doi.org/10.24219/rpi.v4i1.1159>.
 16. Migel EA, Albiero ALM, Alves RN, Bicudo AM. Trajetória e implementação de disciplina interprofissional para cursos da área de Saúde. *Interface (Botucatu).* 2018;22(Supl 2):1763-76. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0576>.
 17. Souza ALA, Vilaça ALA, Teixeira HB. A metodologia ativa e seus benefícios no processo de ensino aprendizagem. *Rev Ibero-Am Humanid Ciênc Educ.* 2021;7(1):307-23. doi: <https://doi.org/10.29327/217514.7.1-23>.
 18. Zanin E, Bichel A. A importância das ferramentas tecnológicas para o processo de aprendizagem no ensino superior. *Rev Ens Educ Ciênc Human.* 2018;19(4):456-64. doi: <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2018v19n4p456-464>.
 19. Kass-Mason S, et al. A critical interpretive synthesis of interprofessional education interventions. *J Interprof Care.* 2024;38(4):729-38. doi: <https://doi.org/10.1080/13561820.2023.2294755>.
 20. Bandeira LJ. Educação interprofissional nos cursos de graduação em saúde: contribuições, desafios e perspectivas [Trabalho de Conclusão de Curso]. Chapecó (SC): Universidade Federal da Fronteira Sul; 2021.
 21. Almeida RGS, Teston EF, Medeiros AA. A interface entre o PET-Saúde/Interprofissionalidade e a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. *Saúde Debate.* 2019;43(Supl 1):97-105. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S108>.
 22. Feuerwerker LCM. Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação. Porto Alegre: Rede UNIDA; 2014. p. 119-60.
 23. Medeiros TM, et al. Facilidades e dificuldades para implementação da educação interprofissional na atenção primária à saúde: revisão integrativa. In: *Saúde coletiva: avanços e desafios para a integralidade do cuidado.* 2021. p. 243-54. doi: <https://dx.doi.org/10.37885/210303717>.
 24. Shuyi AT, Zikki LYT, Qi AM, Lin SKS. Effectiveness of interprofessional education for medical and nursing professionals and students on interprofessional educational outcomes: A systematic review. *Nurse Educ Pract.* 2024;74:103864. doi: <https://doi.org/10.1016/j.nepr.2023.103864>.
 25. Mattiazzi S, Cottrell N, Norman N, Beckman E. The impact of interprofessional education interventions in health professional student clinical training: a systematic review. *J Interprof Educ Pract.* 2023;30:100596. doi: <https://doi.org/10.1016/j.xjep.2022.100596>.
 26. Lima AWS, Alves FAP, Linhares FMP, Costa MV, Coriolano-Marinus MWL, Lima LS. Percepção e manifestação de competências colaborativas em discentes da graduação em saúde. *Rev Lat Am Enfermagem.* 2020;28:e3240. doi: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3227.3240>.

DECLARAÇÕES

Contribuição dos autores

Concepção: HSG. Aquisição de financiamento: HSG. Investigação: HSG. Metodologia: HSG, PM, LR, LOS. Tratamento e análise de dados: PM, LR, LOS. Redação: PM, LR, LOS. Revisão: HSG, JPC. Aprovação da versão final: JPC, HSG. Supervisão: JPC.

Financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Aprovação no comitê de ética

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Norte do Espírito Santo/Universidade Federal do Espírito Santo sob os números de parecer 4.689.114 para o curso de Enfermagem, 4.689.118 para Ciências Biológicas e 4.717.122 para Farmácia; e CAAE 33366420.0.0000.5063; 33376020.7.0000.5063; e 33377420.6.0000.5063, respectivamente.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Dados de pesquisa e outros materiais podem ser obtidos por meio de contato com os autores.

Editores responsáveis

Carolina Fiorin Anhoque, Blima Fux, Ana Paula Ferreira Nunes.

Endereço para correspondência

Rua Abramo Caliman, 39, Farmácia Drogaria Popular Ribanense, Santo Antônio, Rio Bananal/ES, Brasil, CEP: 29920-000.